

JORNAL: Jornal do Comércio LOCAL: Quarabara

DATA: 11/04/1965 AUTOR: Miranda Netto

TÍTULO: Ariel e Caliban

ASSUNTO: Miranda Netto mais uma vez analisa

Ivan e mais uma vez aceita na previsão.

Folhetim do «JORNAL DO COMMERCIO»

DOMINGO, 11 DE ABRIL DE 1965

## ARIEL E CALIBAN

Ariel e Caliban estão vivamente presentes na exposição do IBEU, que continuo a comentar aqui. Os desenhos puríssimos de Rita Rosenmeyer, a ingenuidade aparente de Eurydice Brésane, a simplicidade de Nilza Eiras Borgerth, com seus santos, apenas acenados, meio escondidos em uma parede lateral, estão sob o signo de Ariel. Mas Caliban surge, mestre inconfundível de nossa época, nos desenhos a nanquim aquarela de Hilda Campofiorito e, mais ainda, nas Goyescas de Ivan Serpa.

O monstruoso começa a invadir a arte. Quais as razões profundas dessa trágica anamorfose, que enche as molduras modernas de figuras torturadas, de que ninguém esperava a ressurreição depois do tremendo fogo purificador do abstracionismo geométrico? O homem, ao olhar para si mesmo, descobre, na mais profunda caberna do seu ser, o inesperado Caliban. Não é fácil encará-lo de frente. Os próprios dominadores do mundo mágico o temem. Recordemos o quarto ato da tempestade de Shakespeare. Próspero chama Ariel e com grande sabedoria o previne: «Spirit, we must prepare to meet with Caliban».

Não é fácil encarar Caliban de frente. Lembremo-nos do quarto ato da «Tempestade» de Shakespeare. Próspero chama Ariel, e com a sua profunda sabedoria o previne: «Spirit, we must prepare to meet with Caliban».

O conselho de Próspero vale muito nas artes plásticas contemporâneas. O contato com Caliban exige preparação prévia, principalmente depois de meio milênio de uma intoxicação de beleza que nos vem do Renascimento.

Sempre houve espíritos que desceram à caverna, em busca de Caliban. Há no Juízo Final de Miguel Angelo, na parte inferior do grande afresco uma face poiesca, que ainda mais realça sua monstruosidade pelo negro que o fumo das velas acumulou lateralmente. Uma face que «ha forma di spavento», para usar a expressão do próprio Miguel Angelo em seu autorretrato literário, tão cheio de poesia.

Miguelângelo, apesar de ser o modelo supremo do Renascimento veio trazer à arte as raízes da «terribilitá», conceito novo, prenúncio do expressionismo e do surrealismo. Essa nota de atualidade na arte miguelangelesca não escapou ao espírito penetrante de Paul Klee (Diário da Viagem a Roma) que o coloca «entre os modernos».

Hilda Campofiorito e Ivan Serpa cultivam um gênero ainda pouco frequente na arte brasileira. A experiência do monstruoso, da deformação (não confundir com metamorfose) não é comum entre nós. Aos que tiverem curiosidade pelo tema recomendo a leitura do poema de Cassiano Ricardo «João Torto e a Fabula». Há nele uma lição de estética, perfeitamente aplicável às artes plásticas.

Surpreenderam-me os desenhos de Hilda Campofiorito. Não poderia supor que as mãos da decoradora, que armam formas tão delicadas sobre a cerâmica e os tecidos, compusessem figuras macabras, terríveis e grotescas, intencionalmente, mas ao mesmo passo cheias de fantasia e intenso lirismo.

Bosch e Goya abriram as portas da pintura ao grotesco e ao terrível. Hilda Campofiorito e Ivan Serpa, no que mandaram ao IBEU, estão nessa linha.

Quem vê os dois trabalhos de Serpa na galeria do IBEU, não mergulha a fundo na nova fase do pintor. Será necessário ir ao Museu de Arte Moderna, onde há um grupo de trabalhos que constituem uma espécie de retrospectiva, iniciando-se em 1946. Desenhos quase infantis, que a pouco e pouco tomam densidade. Esses pequenos retângulos coloridos explicam perfeitamente a fase atual. Já em 1949 surge uma árvore, com grandes folhos e aspecto humano.

Serpa se vai depurando até atingir a um grafismo quase etéreo. Ariel transposto para o reino da forma. Como teria,

de repente, Caliban invadido a cena, com essas faces de horror, esses ossos brancos, surgindo fantasmagoricamente na cerração branca e negra dos traços? Há dois anos e crevia eu, ao ver alguns quadros de Serpa na Galeria Tenreiro: «Essas mulheres de coxas coloridas de vermelho e verde, visão mágica de sercias que renunciaram à metade do peixe e se transformaram em algo de terrível, sexos brutalizados, incubos e sucubos que enchem os quadros em uma grafia intencionalmente pesada e simplificada... (levam o pintor) a um estranho labirinto povoado de monstros. Vamos ver aonde vão conduzi-lo essas figuras macabras».

A exposição do MAM não tem nenhum quadro dessa fase de 1965. Mas nos desenhos, há precioso testemunho. O horror e o sexo não raro estão unidos. Gilles de Rais, o maldito, companheiro de Joanna D'Arc, foi ao mesmo tempo marquês de Sade e Sacher von Masoch «avant la lettre». Mais violento que os seus sucessores, deixou o castelo entulhado dos cadáveres de suas vítimas.

Morte igual a beleza abstrata, afirma René Hocke. A arte maneirística há raro invoca o macabro e assume um «caráter maldito». Baudelaire: Plonger au fond du gouffre/ Enfer ou Ciel, qu'importe/au fond de l'inconnu/ pour trouver du nouveau».

Ivan Serpa sai de seu jardim de arabescos caligráficos para a «selva Selvaggia» marcada pelo signo do gigantismo, com suas imensas máscaras de horror, propositadamente expressas em branco e preto. Justamente o contrário do início da nova fase (1963), que se caracterizava por um intenso colorido, quase agressivo.

Ficará Serpa nesta maneira? Não creio. Reparem em uma série de desenhos recentíssimos (fevereiro de 1965) onde as formas de terror se enquadram em um corte geométrico, evocação do geometrismo, tão caro a Serpa em uma de suas fases anteriores. As matrizes geométricas desses desenhos são diagonais bruscas, torturadas. No interior dessa moldura abstrata os monstros se vão dissolvendo, como nos filmes de horror e começam a ter um leve toque ariélico. Mais uma vez faço a pergunta: Ainda irá Serpa? Não me parece que sua eterna curiosidade se cristalize nas formas goyescas. Veremos aonde irá esse eterno

descontente, tão agressivo em sua pintura atual, tão humano em seu contato com as crianças, que dirige com sábia batuta, na escola de arte do MAM.

Saiamos do reino de Caliban e mergulhemos nos domínios de Ariel. Olhemos as flores castas de Renina Katz, Odilon Redon sem angústia, e vamos ao encontro de dois quadros que, a meu ver, representam a revelação de uma nova figura que surge, com vigor e doçura, ao mesmo tempo, no mundo da arte, Helena Maria Beltrão de Barros. Quando vi seus quadros pela primeira vez, no Salão de Arte Moderna, a palavra que me ocorreu foi «revoada». Pura revoada de cores, em lírica explosão de adolescência.

Volta Helena Maria de sua viagem à Europa, amadurecida com sentido admirável de construção, economia de cores (os dois quadros que apresenta são compostos em azul), curiosidade de explorar inesperados cantos de velhos muros. Helena Maria parece ter recolhido a lição do grande Leonardo que chamava a atenção dos pintores para as manchas das velhas paredes, para os líquens das árvores, para as rugosidades dos troncos. A técnica de Helena Maria, que em sua primeira exposição, era a das superfícies planas, povoadas de pequenas manchas coloridas, passa a buscar novos campos de experimentação. Tortura, por a sim dizer, o suporte de sua obra, no caso desses dois quadros, dupla folha de papel Canson, usando a lâmina, a espátula, o pincel e fazendo o que poderíamos chamar de textura sem texturismo. Mas não se pense que Helena Maria usa a virtuosidade como um fim. Antes a transforma em fio condutor do lirismo inato, que já surgia nas primeiras obras e agora se dobra sobre si mesmo, em meditativa evocação de melancolia e sonho, nessa paisagem vazia de homens e de mulheres, mas viva de emoção. Comparo as paredes de Helena Maria, onde se alçam fantásticos portais com a obra de mestre Henrique Oswald, que comentei largamente em folhetim anterior. O espírito é o mesmo, na quase adolescente que ensaia o vôo harmonioso e no mestre maduro e acabado. Há um toque ariélico nessas paredes azuis, portas que se abrem para o mundo da beleza. Tomem nota desse nome. Helena Maria Beltrão de Barros começa um caminho que a poderá levar muito longe, o caminho de Ariel.

MIRANDA NETTO.